

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA. O CONDE DE ARNOSO.

CASTRO, Augusto

Ano: 1961 | Número: 71

Como citar este documento:

CASTRO, Augusto, Conferência. O conde de Arnoso. *Revista de Guimarães*, 71 (1-2) Jan.-Jun. 1961, p. 165-175.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Conferência

Em 29 de Abril do corrente ano teve lugar em Guimarães a projectada homenagem à memória do nosso ilustre conterrâneo Conde de Arnos, que decorreu com incontestável brilho e dignidade, como convinha à memória de quem na sua vida tanto se distinguira especialmente como um alto exemplo de correcção, de nobreza, de integridade moral e fidelidade aos seus princípios e ao seu credo político.

Bernardo Pinheiro Correia de Melo, 1.º Conde de Arnos, era filho do vimaranense João Pinheiro Machado Correia de Melo, 1.º Visconde de Pindela e de sua segunda mulher. Nasceu a 27 de Maio de 1855 em Guimarães, na Casa do Proposto, hoje na posse de seu sobrinho-neto, o Dr. Sebastião Lobo Machado Cardoso de Menezes, filho do 2.º Visconde do Paço de Nespereira, e faleceu a 21 de Maio de 1911 no solar de Pindela (Vila Nova de Famalicão), onde actualmente reside a viúva do 3.º visconde de Pindela.

Pela sua ilustre ascendência foi o Conde de Arnos um fidalgo de nobre e antiga estirpe. Seguiu a carreira das Armas, como oficial de Engenharia, mas após a proclamação da República pediu a sua demissão, fiel como sempre foi às suas convicções políticas e dado o lugar especial que havia desempenhado, como secretário particular do Rei D. Carlos I, que o distinguia com a sua confiança e verdadeira amizade.

Cultivou as Letras com notável elegância, deixando algumas obras de indiscutível mérito sobre teatro, viagens, etc. e colaborou com o Conde de Sabugosa e com Alberto de Oliveira.

Privou de perto com Eça de Queiroz e com outros intellectuais do seu tempo, especialmente os que constituiram o célebre grupo de escritores que a si próprio se intitulou de «Vencidos da Vida».

Foi a este homem de rara distinção, de trato afável, de carácter impoluto e de invulgar personalidade intelectual, a quem a cidade de Guimarães prestou merecida homenagem, no ano em que se completou meio século após a sua morte.

Constituíram actos principais dessa homenagem a inauguração da sua estátua num largo da cidade e a realização de uma sessão solene no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento.

A estátua, obra do artista-escultor Sr. Joaquim Correia, foi descerrada no Largo da República do Brasil pelas 15,30 horas, presidindo ao acto o Sr. Governador Civil do Distrito, ladeado pela Senhora Duquesa de Palmela, filha do homenageado, e pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal, perante a assistência de muitas individualidades de representação social e cultural e de bastante povo. Efectuou-se esta cerimónia com marcado brilhantismo, na qual usaram da palavra o Sr. Eng.º Duarte do Amaral, presidente da Comissão executiva da homenagem, e o Sr. Dr. Castro Ferreira, presidente do Município, enaltecendo as excepcionais qualidades que exornaram a personalidade do vimaranense ilustre que foi o Conde de Arnoso.

Terminada esta inauguração, todos os convidados se dirigiram para o edificio da Sociedade Martins Sarmento, onde, no sumptuoso salão nobre da veneranda instituição vimaranense, repleto de um selecto auditório, teve lugar a sessão solene. Ficou a Mesa constituída pelo Sr. Governador Civil do Distrito, na presidência, ladeado pela Senhora Duquesa de Palmela, que representava a Família Arnoso, pelos presidentes da Câmara Municipal e da Sociedade Martins Sarmento e pelo Sr. Eng.º Duarte do Amaral que representava a Comissão Executiva da homenagem.

Aberta a sessão, foi concedida a palavra ao presidente da Sociedade Martins Sarmento, Sr. Coronel Mário Cardoso, que saudou os promotores da homenagem e dirigiu expressões de justo louvor aos méritos do conferente ilustre Sr. Dr. Augusto de Castro, que se havia incumbido de fazer o elogio do Conde de Arnoso.

Foi então dada a palavra ao Sr. Dr. Augusto de Castro, que leu a sua magnífica Conferência de belo recorte

literário, e que, por especial deferência do ilustre e prestigioso jornalista e Homem de Letras, nos foi dado transcrever agora na íntegra, nas páginas da «Revista de Guimarães»:

O Conde de Arnoso

A evocação da figura do Grande Português que foi Bernardo Pindela, Conde de Arnoso, nesta cidade, berço de todas as energias que fizeram Portugal, tem, neste momento de crise nacional que atravessamos, qualquer coisa de simbólico — como que um apelo às virtudes excelsas que nos deram uma Pátria e uma História.

No panorama da vida contemporânea portuguesa, não conheço figura de Português mais portuguesa do que foi o homem cuja memória vimos, hoje, em peregrinação cívica, comemorar e exaltar. Exemplo de lealdade, expressão viva e inexcedível de carácter, de força moral, Arnoso foi, na sua admirável existência e até no drama espiritual da sua morte, a reencarnação magnífica de todas as forças do espírito e sublime fidelidade à grandeza e à nobreza que constituem glória e exemplo duma vida.

Num dado momento, no desabar da consciência portuguesa que se seguiu ao regicídio, entre as sombras, as impunidades e as delinquências duma sociedade que, arrastando na sua derrocada a monarquia, nacionalmente se suicidou, Bernardo Pindela foi a figura quase shakespeariana que dos escombros se elevava como a última voz, acusadora e expiatória, o derradeiro sopro da sobrevivência e do resgate do drama das cumplicidades e da decadência duma época. «Uma figura viva e em pé no meio duma sociedade morta» — como disse Ramalho.

Vi-o algumas vezes passar nos corredores, sentar-se, alheado do cenário que o cercava, no anfiteatro da Câmara dos Pares, durante os primeiros anos que se seguiram ao assassinato, no Terreiro do Paço, de D. Carlos e do Príncipe. Tinha o ar de um espectro. Verdadeiramente, ele morrera naquela tarde de tragédia, com o seu Rei. Ficara o Cavaleiro Andante da Fidelidade e da Amizade. Vivia, apenas, por um esforço prodigioso de vontade,

para reclamar justiça para a memória do monarca que servira e para o crime hediondo de que Portugal parecia esconder os olhos e a alma — o crime, que se tornara colectivo, do suplício e da morte do Chefe e do Amigo. Era uma sombra, implacável como o Remorso. Morreu, de facto, pouco depois, em Maio de 1911. Dir-se-ia que sobrevivera ao fim do seu Rei, apenas o tempo necessário para lhe honrar e vingar a dolorosa memória.

Ferido de morte numa batalha de Itália, ao serviço de Francisco I, o Cavaleiro Bayard exigia que o deitassem, para expirar, no campo, debaixo duma árvore, o rosto voltado para o exército inimigo, pronunciando estas sublimes palavras: — «Nunca em vida voltei a cara ao inimigo. Não o quero fazer, pela primeira vez, ao morrer».

Arnoso poderia, ao acabar, repetir este orgulhoso desafio à Morte. Ele também morria, como Bayard — fiel a si próprio e ao seu destino. Levava para o túmulo o *panache* duma vida nobre entre as mais nobres vidas que homens, fiéis a um Ideal, tenham vivido. Nunca voltara o rosto ao Dever.

Fiel ao seu Rei — foi-o até à exaltação e ao sacrifício. Fiel à Amizade, aos mais puros amores que podem florir uma existência, o Amor de Deus, o Amor da Pátria, o Amor da Família — foi-o também sem desfalecer, nem nessa hora, em que o seu olhar, apagando-se, procurava ainda no céu a luz brilhante da província em que nascera e em que nascera também Portugal e onde hoje se eleva, na alegoria deste momento, a sua imortalidade nacional.

Aqueles dotes morais, aquelas forças ideais que constituíram a definição, a altura, o esplendor da vida do Conde de Arnoso estão hoje em crise no Mundo. A sombra redentora do Afecto, numa época e numa sociedade de egoismos ferozes e de sinistras conjuras, está quase a desaparecer. A Amizade é uma arte que tem os seus cultores, os seus génios, os seus visionários e os seus renegados. Há períodos da História sem amizade e a vida, submersa na indiferença humana ou no rancor, perde o seu encanto. Porque a amizade é uma força exaltante e criadora, declina nas épocas de decadência. Afundados em ambições e malquerenças,

divididos e sós, os homens perdem a virtude de ser amigos. Nem tempo têm de o ser.

O Conde de Arnoso foi um grande romântico da Amizade. No seu coração, no seu exemplo, nas grandes batalhas de consciência que foram a sua razão de existir, ele foi o herói, o monge, ia a dizer o mártir dessa humana e terna grandeza, flor rara do Coração, superioridade imensa do Espírito. A devoção com que quis ao seu Rei e, ainda e sobretudo, para além da morte o serviu, tem a altura heróica duma página medieval. Amigo de Mousinho, foi-o até aos desvelos mais ardentes da dedicação. Eça, seu companheiro, deveu-lhe, na morte, quase um apostolado. O monumento do Largo do Quintela não teria sido erigido sem o apoio do seu culto póstumo e afectuoso. A sua estima desinteressada por João Franco alcançou nas horas de desgraça e até ao seu último momento, extremos comoventes de fanática delicadeza.

A Lealdade, outra expressão do seu carácter, teve, na prática das suas convicções e dos seus afectos, lances de velha cavalaria. Rompia com os inimigos dos seus amigos. Cultivava as lições de honra quase com ascetismo. A correspondência, que nos legou e que Rodrigues Cavalheiro recolheu em parte, é documento vivo da vida interior sem sombras desse grande e intransigente idealista do Sentimento e da Inteligência, cujo rastro de pura luz ilumina uma época.

Na camaradagem dos mais sensíveis, elegantes, fascinantes espíritos do seu tempo — que, por sua vez, foi um dos mais fascinantes períodos da história da cultura e da sensibilidade nacionais — se formou o Bernardo Pindela comediógrafo da *Primeira Nuem*, o contista do livro *De Braço Dado*, em colaboração com Sabugosa, e dos *Azulejos* que Eça prefaciou, o lírico adaptador do *Suave Milagre*, transplantação duma novela de Queiroz para uma deliciosa aguarela de teatro.

Toda esta obra revela as qualidades de observação, de poesia e de estilo que teriam feito de Arnoso, autor duma obra pequena e fragmentária, um grande escritor, se o seu espírito não estivesse ocupado na missão dessa obra-prima admirável que foi a sua vida. Porque Arnoso constitui o caso excepcional em que a existência de um homem excede, no seu significado humano e

até na sua expressão artística, a criação da sua obra. É na argila da sua vocação humana, no molde da sua existência perfeita, no exemplo da sua altiva consciência, no comunicativo ensinamento do seu incomparável convívio que está a razão suprema da sua imortalidade.

Escrever um grande livro é mais fácil do que esculpir uma grande vida. Arnoso foi o escultor duma existência, talhada na pedra e no mármore do mais puro idealismo. Foi o varão de Plutarco, na sua mais luminosa acepção. E luz tão grande foi essa que ainda hoje aqui nos traz, a cinquenta anos de distância. Vimos de longe, não apenas no tempo e no espaço, mas da própria consciência do mundo que nos cerca.

*
* *
*

Nos grandes lances da Vida e da Dor, os Países como os homens procuram refazer suas energias, retemperar seus estímulos, no regresso à maternidade das suas origens, nas razões, nas raízes e nas fontes do seu Destino. Foi aqui que Portugal nasceu, nesta primeira fortaleza e berço de Portugal que foi Guimarães. E, como disse nas minhas primeiras palavras, parece que há qualquer coisa de simbólico em que, embora tantos anos depois da morte de Arnoso, fosse este o momento escolhido para a romagem que hoje fazemos aos sítios onde, primeiro, pulsou o coração de Portugal e para esta homenagem ao homem, que, nas suas qualidades de bravura, de intrépida fidelidade, de intemerata fé representa esse espírito de ardente vontade que fez as primeiras palpitações da Pátria. «Somos independentes porque o quisemos ser» — proclamou Herculano, debruçando-se sobre os fortes inícios da nacionalidade.

Arnoso representou, no seu tempo, a linhagem dos primeiros iluminados dessa medieval gesta da «vontade que fez Portugal» — e aqui volvemos hoje todos, nesta terra sagrada onde essa pátria alvoreceu, receber de novo da memória desse moderno Cavaleiro Andante da Lealdade que foi Bernardo Pindela, o exemplo e estímulo do ideal de «querer e de servir» de que nascemos.

Estamos hoje, meus Senhores, num desses lances da História que Oliveira Martins definiu de «interro-

gação vital». Estamos, de novo, numa hora em que aquela afirmação da «vontade de sermos independentes» de que falava Herculano, vai decidir da sobrevivência ou do naufrágio da Pátria, tal como a herdámos e dentro das fronteiras que o Heroísmo talhou, e que os antepassados de homens da têmpera de Bernardo Pindela aqui fundaram — da Pátria que daqui partiu para a sua imensa viagem da Glória.

Como outrora, «somos todos e somos um» — e se assim não fôssemos, não seríamos dignos da prova que as tempestades do Mundo nos enviam. Dos campos de São Mamede, que nos circundam, a voz das hostes do Infante e dessa madrugada de há oito séculos que nos deu vida, como Povo livre, comanda-nos a honra da sobrevivência. Temos de ser todos e temos de ser um! Do fundo do seu túmulo, a voz do Cavaleiro «sem medo e sem mancha» que aqui viemos despertar, incita-nos a combater a traição, a deserção, as fatais transigências. Ele que serviu o seu Rei para servir o seu País e que serviu o seu País para servir o seu Rei — ensina-nos que é, servindo cada qual o seu ideal e a sua fé, que os homens se engrandecem e as Pátrias resistem e perduram.

Do clarão da História, que esta Cidade ilumina; do chão florido onde repousa esse batalhador da Amizade e da Honra que aqui celebramos; da luz deste monumento que fica a perpetuar a nobre figura do cidadão ínclito e exemplar que, como o Eça de Queiroz dizia, «ficará para sempre vivo porque se misturará, à vida dos outros»; do fundo do Tempo, das raízes da terra, da evocação desta hora e desta homenagem em que se misturam a gratidão e a saudade, uma exortação se eleva dentro de nós e acima de nós: o ensinamento espiritual do cumprimento do Dever, da simplicidade, da grandeza do Dever. Foi essa a lição da vida de Arnoso e é ainda a sua voz para além da Morte, que nos incita a cumpri-lo — como ele sempre o cumpriu.

*

* *

Acabei há dias de reler «*Os Azulejos*» e as páginas soberbas e evocativas das «*Jornadas pelo Mundo*». Resuscitei, nas mãos do Mestre, a sombra, tão sugestiva,

tão portuguesa, da «*Guitarra do Braz*»; respirei, com a evocação da leitura, os «*Aromas Campesinos*» e comovi-me mais uma vez com aquilo que Eça chamou «a maneira, fugitiva, alada, acariciadora de pintar as coisas em «*azul e branco*», duma literatura marcada pelo bom gosto, por essa diáfana expressão de beleza «onde florescem os jasmims e cantam os melros» que foi a límpida visão do seu estilo literário.

A Arte foi, na vida desse Guerreiro e Gentil-homem do Coração, o canteiro de flores banhado pela verde e doce claridade minhota. Portuguesíssimo de Portugal, Arnoso tinha o Minho no sangue e nos olhos. Ficou toda a vida, através de todas as honras palacianas e de todas as vicissitudes, um homem da terra, da «*sua*» terra, na rudeza e singeleza de carácter, no apego ao lar e nessa lhaneza hospitaleira da «*casa*» — janelas sempre abertas aos amigos, ao sol e à verdade. Para ele, o Amor não tinha fronteiras, nem mesmo na morte e foi lustre e razão de ser da lusitana e inquebrantável fé que Arnoso trouxe do berço deste Minho tão caseiro — de solares antigos, de límpidas fontes, onde se forjaram à sombra dos castelos, nos socalcos e nos vinhedos, à luz rija dos pinhais e dos cedros, o orgulho da independência e as luminosas virtudes de Portugal de que foi feito o coração do grande Português que este monumento minhoto perpetua.

Deste lugar quero saudar, com sua ilustre família, herdeira do seu nome e da sua nobreza, de sangue e de alma, aquela que foi sua companheira e seu amor, que teve a glória de partilhar a sua bondade e as suas dores, a senhora Condessa de Arnoso, ainda viva, que aqui não pôde estar, mas para quem a data de hoje é festa de devoção e de saudade. E creio que não só esses que o amaram e continuam, seus filhos, suas filhas, seus netos — e, dentre eles, evoco a esguia e fidalga figura do Vicente da «*Coimbra, terra de Amores*» que foi meu companheiro de juventude — não só esses vieram de longe juntar-se àqueles que aqui nos cercam. Do outro Mundo, do Além, onde fomos hoje buscar Bernardo Pindela, outros, seus companheiros vieram e estão aqui. São os «*Vencidos da Vida*», a que Arnoso pertenceu, — Antero, a Ramalhal Figura, Eça de Queiroz, o «querido José Maria», Oliveira Martins, Junqueiro, Sabugosa, Carlos Lobo d'Ávila, Carlos Mayer, Conde de Ficalho — que, em vida, o

conheceram e amaram. «Vencidos da Vida», todos venceram a Morte. E todos, cortejo de grandes do seu tempo, que vêm aqui representar uma época e o tablado ilustre em que ele viveu. Ainda na morte são, para a celebridade, inseparáveis.

Mas uma sombra maior domina esta cerimónia, enche este evocativo cenário em que nos encontramos; sombra que traz consigo um clarão que não se perdeu, de tragédia; Sombra que o Tempo redimiu, que o Tempo, o grande dispensador de Verdade resgatou, que o Tempo nos traz nas suas asas de neve e de fogo e que, na sua etérea presença faz invisível parte deste monumento. A grande Sombra do Rei que ele amou, que ele serviu, que, pela sua cólera e pela sua palavra, vingou; o Rei ultrajado e mártir, que vem ainda agradecer-lhe a inquebrantável, dramática, exemplar piedade com que, num dado momento — «único de pé», — ele lavou o sangue da sua memória e se inclinou, amigo e fiel, sobre o seu túmulo. A memória da Dor é, por vezes, mais forte do que a memória da Vida.

Este monumento paga a Arnoso a dívida da Nação que ele se antecipou, na Justiça dos seus contemporâneos, a pagar ao Rei.

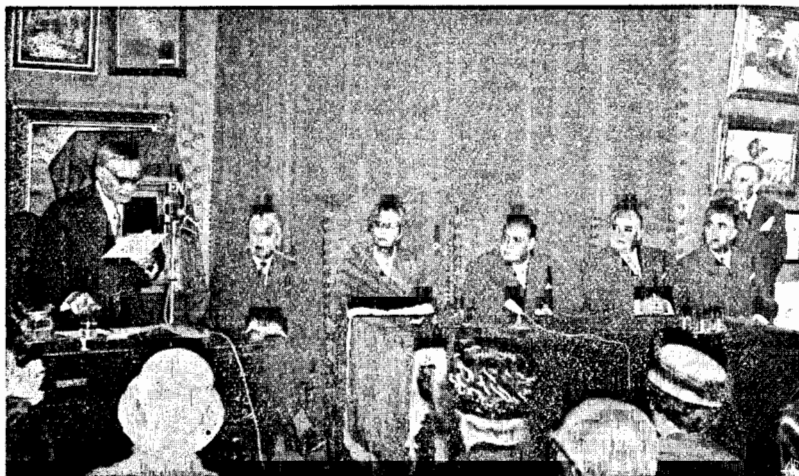
«Morro com a consciência de ter sempre cumprido o meu dever», disse Arnoso, ao despedir-se da Mãe, a quem, momentos antes, segredara: «Vou dar-te o primeiro desgosto de toda a minha vida. Vais ver morrer o teu Filho».

Foram estas as suas últimas, simples e melancólicas palavras, antes de adormecer para sempre. E esse homem de Palácio, que vivera na intimidade da Corte e, fora o maior Amigo do Rei, companheiro de Príncipes, acrescentou apenas: «Nunca fui cortesão». Nunca, de facto, adulara. A sua forte alma vivera sempre no ar puro e claro onde a peste da hipocrisia não entra e que não conhece a mentira e a lisonja.

Ao entrar na imortalidade, talvez lhe tenha vindo ao encontro o seu leal antepassado Mem Moniz e o sol de Ourique iluminou-lhe porventura os olhos, na sua primeira visão da Eternidade. Merecera-o. A sombra da Pátria debruçara-se por certo sobre o seu leito de Morte, no momento, lancinante e calmo, da partida. Com a Pátria se tinham confundido sempre os seus mais

vivos sentimentos, no seu amor vivera e a sua etérea mão não o abandonou, por certo, ao transpor as fronteiras de Deus.

A Pátria nasce em nós de mil vidas e ressuscita de mil mortes. Para esse Português do século 16 nascido no século 19 a devoção à Pátria estava com ele, ao morrer — como à sua volta estava a família do seu sangue. Estava o seu Minho querido, porque a luz do berço é talvez a



O Sr. Dr. Augusto de Castro, na Sociedade Martins Sarmiento, proferindo a sua notável Conferência sobre a personalidade do Conde de Arnoso

última luz terrena que nos visita. Morria nobremente, como nobremente vivera, como nobremente nascera.

É ainda a Pátria que hoje aqui está com ele, que hoje está connosco ao recordá-lo — a Pátria que nós amamos mais nas horas de perigo e de dor, alma feita da alma dos séculos e das gerações.

Cavaleiro Andante da Honra e Fidalgo da Fidelidade, pela nossa voz a Pátria responde hoje ao grande exemplo da tua vida: «Presente!» E a nossa alma, escutando, ouvirá ainda a tua pálida, muda voz responder do túmulo, invisível estímulo, invencível certeza: «Presente!»

As últimas palavras do insigne orador foram coroadas com uma vibrante e prolongada salva de palmas.

O Sr. Bernardo Pinheiro de Melo, na qualidade de neto mais velho do Conde de Arnoso, proferiu algumas palavras em nome da Família, agradecendo às entidades que tinham realizado aquela festa de homenagem em honra e memória de seu ilustre Avô.

Por fim o Sr. Conselheiro Dr. António Abranches, ilustre Governador Civil, encerrou a sessão com um brilhante improviso, manifestando a sua grande satisfação pela oportunidade que lhe havia sido conferida de presidir a uma tão distinta como justa e merecida homenagem consagrada a um dos mais notáveis vimezanenses do final da século XIX.